



LANCE DE DADOS

janeiro 2012 / Lance de dados / Revistas literárias da década de 1970 (10)

TEXTO PUBLICADO NA EDIÇÃO #116

Compartilhar:

~~Revistas literárias da década de 1970 (10)~~

A revista O SACO, que teve sete números editados em Fortaleza (CE), entre abril de 1976 e fevereiro de 1977, [...]

> **POR LUIZ RUFFATO**

A revista **O SACO**, que teve sete números editados em Fortaleza (CE), entre abril de 1976 e fevereiro de 1977, chegou a circular com sete mil exemplares, um número mais que razoável para as condições objetivas da época[1]. E, se ainda com o subtítulo de “revista mensal de cultura”, em seus primeiros três números conta quase que exclusivamente com a publicação de autores do Ceará e da Bahia, a partir do quarto volume[2] abre-se efetivamente à colaboração de escritores do chamado centro-sul, tornando-se representativamente nacional. E, como era comum no tempo, incorpora também a produção contemporânea da literatura latino-americana.

Pelas 32 páginas de seu número 1, de abril de 1976, *O Saco*, que se propunha a ser uma espécie de receptáculo dos artistas, “sismógrafos mais sensíveis, verdadeiros nervos expostos”[3] da sociedade, passam quatro contistas, dois poetas e seis desenhistas, todos cearenses. No caderno *Prosa*, publicam Jackson Sampaio, Carlos Emílio Correia Lima, Nilto Maciel e Airton Monte (1949)[4]; no Caderno *Verso*, aparecem poemas de Manoel Coelho Raposo e José Maria Mapurunga Filho (1951)[5]; no caderno *Imagem*, desenhos de Mino, Hermó, Bartô, Frederico, Cartaxo e Jônio; e no caderno *Anexo*, além do editorial, um importante depoimento de José Carlos Capinam (1941), poeta e letrista baiano, já bastante conhecido à época por suas ligações com o movimento tropicalista, concedido a Jackson Sampaio três anos antes. Há ainda um texto do jornalista Edmundo de Castro sobre a situação da imprensa nacional e local, e, num tributo ao passado, um artigo, sem assinatura, sobre a Padaria Espiritual[6].

O número dois, que, apesar do sucesso da estréia, só foi para as bancas em junho de 1976[7], ampliou consideravelmente o número total de páginas da revista, de 32 para 42, publicando cinco contistas, seis poetas e seis desenhistas, todos nascidos no Ceará. No caderno *Prosa*, ficção de José Alcides Pinto (1923-2008)

EDIÇÕES

~~234~~

~~233~~

~~232~~

~~231~~

~~230~~

PUBLICIDADE

É MAIS FÁCIL SE
MANTER INFORMADO
QUANDO O CONTEÚDO
É DE QUALIDADE.

Assine a Gazeta
e tenha conteúdo
exclusivo e ilimitado.

Clique aqui →

VISUAIS

Arte da capa

[8], Gilmar de Carvalho[9], Renato Saldanha, Yehudi Bezerra e Hugo Barros. No caderno *Versos*, poemas de Floriano Martins (1956)[10], Francisco Carvalho (1927)[11], Marly Vasconcelos, João Bosco Sobreira de Bezerra, Ricardo César Alcântara e Inaldo Pires Queiroz. No caderno *Imagem*, desenhos de Siegbert, Bathista Sena, Alano, Pedro Eymar, Ricardo Accioly e Nonato. E, no *Anexo*, depoimento do compositor e cantor Gonzaguinha; artigo de Jackson Sampaio sobre “Psiquiatria e subdesenvolvimento”; e um quase dossiê sobre uma estranhíssima obsessão: a existência de marcas reais da passagem de europeus pelo Nordeste, antes mesmo da viagem de Pedro Álvares Cabral, em um levantamento de Mário Baratta, e na transcrição de um documento, datado do século 18, que informa sobre a existência de uma cidade perdida (espécie de Eldorado) na Serra do Sincorá.

Mudanças significativas

No mês seguinte, julho de 1976, *O Saco* que chegava às principais capitais do país, distribuído pela Superbancas, apontava para mudanças significativas. Com 42 páginas, ampliou o espaço dedicado à prosa de ficção e poesia (sete contistas e seis poetas), em detrimento do caderno *Imagem*, que divulgou os trabalhos de três desenhistas (Gastão de Magalhães, J. Medeiros e Humberto), e em favor do caderno *Anexo*, que ocupou mais de um terço do total da revista. Além disso, pela primeira vez, eram editados autores não cearenses: metade dos contistas e poetas divulgados eram baianos, além de contar com uma poeta paulistana, moradora de Brasília. Assim, o caderno *Prosa* publicou contos de Barros Pinho (1939)[12], Moreira Campos (1914-1994)[13], Francisco Sobreira (1942)[14] e Carlos Emilio Correia Lima, além dos baianos Rogério Menezes (1954)[15], Guido Guerra (1943-2006)[16] e Jônatas C. da Silva (1953). No caderno *Versos*, poemas de Sérgio Mattos e Horácio Dídimo, e dos baianos Paulo Garcez, Fred Souza Castro (1931)[17] e Myrian Fraga (1937)[18] e de Ana Lagoa (1951)[19]. No caderno *Anexo*, entrevistas com o artista plástico argentino-baiano Carybé e com o folclorista e pesquisador potiguar Câmara Cascudo; dois perfis biográficos e um “esboço inicial de uma cronologia dos jornais cearenses (século 19)”, por Hilzanir Cals, e um artigo do escritor mineiro Jeferson Ribeiro de Andrade [20], sobre a “literatura de panela”. Além disso, duas páginas de cartas, seção muitas vezes desprezada, mas que, mais que qualquer outra, esclarece, informa e explicita o ar do tempo.

Em setembro de 1976, aparece o número 4, contando agora, além de uma boa distribuição nacional, com colaborações de todo o país e também do exterior. No caderno *Prosa*, além de três cearenses (Nilto Maciel, Airton Monte e Roberto Aurélio), apareciam os mineiros Jeferson Ribeiro de Andrade e Luiz Fernando Emediato[21], o paulistano Luiz José de Souza e, latino-americanos, o argentino Julio Cortázar e o venezuelano Ednodio Quintero. O caderno *Versos* trazia poemas de Jäder de Carvalho (1901-1985)[22], Jackson Sampaio, Mário Galvão e Guaracy Rodrigues, do paranaense Domingos Pellegrini (1949)[23] e do português Virgílio Alberto Vieira. O caderno *Imagem* se limitou a três desenhistas (Marcus Francisco, Alberon e Calvet), enquanto o caderno *Anexo* trouxe entrevistas com escritores, o piauiense Fontes Ibiapina (1921-1986), por Carlos Emilio Correia Lima, e o mineiro Murilo Rubião (1916-1991), por Ricardo Alcântara; os resultados de uma mesa-redonda sobre psiquiatria; um artigo sobre histórias em quadrinhos no nordeste, por Anchieta Fernandes; resenhas sobre três livros de poemas (de Ferreira Gullar, de Augusto de Campos e Julio Plaza e de Severino Medeiros de Albuquerque), por Joaquim Branco; um depoimento de dois artesãos paraibanos, Celene Sitônio e Calberto, a Jackson Sampaio; a reprodução de alguns verbetes do adagiário de Leonardo Mota e um interessante ensaio sobre as profecias na literatura popular do nordeste, pelo então professor de literatura brasileira na universidade francesa Sorbonne, Raymond Cantel.

POR FÁBIO ABREU



Arte: Fábio Abreu

PUBLICIDADE

